

ERA UMA VEZ...

Taiza Andrade Calil Jabur

Quando vai dormir, me pede para ler “Dorme menino dorme”. Ao conversar, passa as páginas do livro... “o vaqueiro traz para o menino um balde de leite, mas o balde cai e o leite se esparrama”. Olha com certa tristeza e eu observo que não passa mais as páginas. De repente vira o livro e diz: “o leite voltou para o balde!” Alegre, sorridente, coloca o livro de cabeça para baixo, vira, desvira e confirma: “o menino vai tomar o leite!” Rimos da sua criação. Continua passando as páginas, cada gesto cria uma palavra ou uma série de palavras e emoções. Cada palavra dispara um outro movimento, uma outra página e assim chega o sono dessa criança.

Essa experiência me ocorre com um paciente adulto que vive um momento muito doloroso em sua vida.

– Acabou, não tem mais jeito, vazou tudo, derramou, c’est fini.

Relato a experiência vivida com a criança. Ele ri triste, fica em silêncio. Depois diz: “Tenho que aprender a dar uma virada na vida!”

Na sala de espera, tenho alguns livros infantis. Ao entrar no consultório, uma criança se movimenta pela sala, organizando um banco sobre o outro e me diz: “Vamos construir uma torre.” Enche o caminhão com blocos de madeira e os empilha em cima do banco. “Vamos fazer uma torre bem alta, muito alta.”

Muito cuidadoso, complementa: “Não pode cair.” Satisfeito, vai criando sua construção. Com rico e vivo sorriso, diz: “Conseguimos!” Digo que está orgulhoso de sua invenção.



Outra criança conta, alegre, que seu pai acabou de ler o livro do Pinóquio para ele:

– Você sabe como o Pinóquio tirou o Gepetto da barriga do tubarão?

– Como?

– Gepetto não podia mais andar. Estava cansado, velho. Pinóquio colocou-o nas costas. Saíram na ponta do pé.

Percebo que mistura com outro livro: “pé lá, pé cá e saíram nas pontas dos pés, sem fazer barulho, pela língua do tubarão”.

Collodi* deixa pouca dúvida de que concebia a si mesmo como duplo do boneco Pinóquio. Mergulha o boneco no tinteiro e usa sua criação para escrever sua própria história.

Na peça *Abraço*, os personagens atravessam um espaço quadrado onde não é permitido abraçar, contando histórias de encontros, de despedidas, opressão, exílio e, porque não, afeto e liberdade. O espetáculo não verbal, com telas de animação para narrar essa aventura, teve como ponto de partida *O livro dos abraços*, de Eduardo Galeano.

Observo as crianças e, num recado alto, torcem e ajudam os personagens, avisando para colocar água na árvore que está desfolhando. Em uma cena, a cabeça de um personagem é presa por uma gaiola. Assustada, uma criança conversa durante toda a peça

“Papai ela vai voltar?”

“Ela está presa?!”

Outro pergunta: “Ninguém recebe a flor? Por que joga no chão?!”

A peça respirava e se tornava viva. Observo que as crianças abraçam a peça, criando várias peças dentro de uma única. Vagar por ela é também vagar por nós mesmos.

Em um conto de Eduardo Galeano, no *Livro dos abraços*, o autor diz que “a uva é feita de vinho” e que “talvez a gente seja as palavras que contam o que a gente é”.

“Os poetas andavam em busca das palavras que não conheciam e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido.”

Em *Escritores criativos e devaneios* (1907-1908), Freud escreve: “A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brincar e os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reorganiza os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade? Seria errado supor que a criança não leva este mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e dispense na mesma muita emoção. A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior, geralmente de sua infância, da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga... Não se esqueçam que a ênfase colocada nas lembranças infantis da vida do escritor – ênfase talvez desconcertante – deriva-se basicamente da suposição de que a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil”.

Tomei o trabalho de Freud como ideia mãe. Era uma vez...



Taiza Andrade Calil Jabur é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

* Carlo Collodi, pseudônimo de Carlo Lorenzini, criador de *As aventuras de Pinóquio*.